



William Shakespeare

HAMLET

(TRAGÉDIA EM 5 ACTOS)

edição bilingue — Inglês e Português

Tradução

SOPHIA DE MELLO BREYNER ANDRESEN

revisão com a colaboração do
Professor Grahame Broome-Levett

ASSÍRIO & ALVIM

NOTA SOBRE A TRADUÇÃO

Terminei a tradução de Hamlet há muitos anos e várias vezes a revi e corriji. No entanto fui-a deixando permanecer inédita, pois sempre considerei que só a poderia publicar depois de a rever com alguém que tivesse um conhecimento especializado da linguagem de Shakespeare e da literatura inglesa do seu tempo.

Só recentemente isto foi possível, graças ao Prof. Grahame Broome-Levett, a quem muito agradeço a grande ajuda que me deu. Sem a longa revisão que fizemos juntos e sem a qualidade da sua colaboração eu não poderia controlar nem solucionar as diversas dúvidas que me surgiram ao traduzir um texto do princípio do século XVII.

Não creio que Hamlet possa ser traduzido de uma ponta à outra em prosa.

O contraponto entre a prosa e o verso faz parte da estrutura da peça, do jogo do poeta, da eficácia teatral, do relevo e sentido de cada cena.

Por isso apenas traduzi como prosa aquilo que no original prosa era.

Onde Shakespeare usa o «blank verse» de dez sílabas usei o verso livre, não só porque dada a frequência do monossílabo no texto inglês manter o decassílabo me afastaria do rigor do sentido e me obrigaria a constantes acrobacias métricas, muito contrárias ao estilo da linguagem do autor, mas também porque a ressonância do decassílabo português é diferente da ressonância do decassílabo inglês. Aliás creio

que, nesta obra, o verso livre se adapta bem a uma certa cadência que há no original. Mas traduzi em decassílabo as tiradas de Priamo e o diálogo do «Rei e da Rainha da Peça», pois aqui se trata de uma caricatura do estilo da época, e por isso era importante manter o esquema métrico, e porque o arremesado das frases permitia deslocar palavras buscando o estilo artificioso e declamatório do original. E, como no original, embora de forma irregular, rimei as falas do «Rei e da Rainha da Peça», e também as canções e o final de quatro actos. Pois tudo isso se liga à expressão teatral do texto.

Traduzir Hamlet é uma empresa que só pode deixar insatisfeito quem a ela se aventurou.

Nada pode reproduzir a «aura» específica da linguagem shakespeariana, a sua música, a ênfase da sua paixão cintilante, a sua densa intensidade, a sua ressonância, o seu brilho obscuro. E tudo isto é ainda mais difícil num texto tão extenso, onde o tradutor é muitas vezes submergido e onde há passagens que se prestam menos à tradução, ou menos estimulam quem a faz, e nas quais o que há de lúdico no traduzir se esvai em tarefa eriçada de obstáculos.

Sou partidária de traduções fidelíssimas, mas onde a fidelidade inclui a exigência do próprio poema. E, no caso de Hamlet, é preciso dizer o que lá está, mas dizê-lo em termos de teatro. O que obriga a uma estreita tensão entre o significado e o espaço, o peso e a voz de cada palavra.

É evidente que a tradução vive entre o possível e o impossível e por isso nada é mais vulnerável e exposto. É um trabalho que só podemos empreender aceitando à partida uma certa margem de impossibilidade. Um trabalho que nunca estará pronto, pois sempre haverá algo que apetece refazer.

Não quis fazer aquilo a que se chama «recriação», pois à «tradução-recriação» chamo adaptação ou glosa: assim intitulei «adaptado de Ovídio» duas passagens das Metamorfoses publicadas em «Poesia» e «Dia do Mar», e chamei «glosa» à versão livre do poema de Byron «So, we'll go no more a roving».

Tentei, quanto possível, traduzir rente ao texto, ser fiel à riqueza e à densidade de cada frase e encontrar uma linguagem que seja a do teatro.

Este último ponto parece-me fundamental, não só por se tratar de uma obra teatral e por Shakespeare ser um homem do teatro, mas também porque para ele o mundo era um palco onde ele sempre quis criar a «peça dentro da peça».

Sophia de Mello Breyner Andresen

LAERTES

Let this be so.
His means of death, his obscure funeral,
No trophy, sword, nor hatchment o'er his bones,
No noble rite, nor formal ostentation,
Cry to be heard as 'twere from heaven to earth,
That I must call't in question.

KING

So you shall,
And where th'offence is let the great axe fall.
I pray you, go with me.

[they go]

[IV, 6]

'HORATIO and others' enter

HORATIO

What are they that would speak with me?

GENTLEMAN

Seafaring men, sir. They say they have letters for you.

HORATIO

Let them come in.

[an attendant goes out]

[aside] I do not know from what part of the world
I should be greeted, if not from Lord Hamlet.

LAERTES

Seja assim.

O modo da sua morte, o seu obscuro funeral,
Sem troféu, sem espada, sem escudo sobre os ossos,
Sem rito nobre, sem cerimonial,
São como voz que do céu gritasse à terra clamando
Que eu tenho de ver bem esta questão.

REI

É o que vais fazer.

E que o grande machado caia onde a ofensa está.
Peço-te que venhas comigo.

(Saem.)

Cena VI

HORÁCIO *e outro entram.*

HORÁCIO

Quem são esses que me querem falar?

GENTIL-HOMEM

Marinheiros, meu senhor. Dizem que têm cartas para vos
entregar.

HORÁCIO

Deixai-os entrar.

(Sai o escudeiro.)

(à parte) Não sei de que parte do mundo me possam enviar
mensagens que não sejam da parte de Hamlet.

The attendant brings in sailors

I SAILOR

God bless you, sir.

HORATIO

Let him bless thee too.

I SAILOR

A' shall, sir, an't please him. There's a letter for you, sir, it came from th'ambassador that was bound for England, if your name be Horatio, as I am let to know it is.

(HORATIO [*turns aside and reads*])

'Horatio, when thou shalt have overlooked this, give these fellows some means to the king, they have letters for him... Ere we were two days old at sea, a pirate of very warlike appointment gave us chase. Finding ourselves too slow of sail, we put on a compelled valour, and in the grapple I boarded them. On the instant they got clear of our ship, so I alone became their prisoner. They have dealt with me like thieves of mercy, but they knew what they did. I am to do a good turn for them. Let the king have the letters I have sent, and repair thou to me with as much speed as thou wouldest fly death. I have words to speak in thine ear will make thee dumb, yet are they much too light for the bore of the matter. These good fellows will bring thee where I am. Rosencrantz and Guildenstern hold their course for England — of them I have much to tell thee. Farewell.

He that thou knowest thine, HAMLET.'

Come, I will give you way for these your letters,
And do't the speedier that you may direct me
To him from whom you brought them.

[*they go*]

O escudeiro introduz os marinheiros.

I.º MARINHEIRO

Deus vos abençoe, senhor.

HORÁCIO

E que te abençoe a ti também.

I.º MARINHEIRO

Deus há-de abençoar-me se essa for a sua vontade. Aqui tendes uma carta, meu caro senhor, vem do embaixador que ia para Inglaterra, se o vosso nome é Horácio, como ouvi dizer.

HORÁCIO (*vira-se para o lado e lê*)

«Horácio, quando tiveres lido isto, leva esta gente ao rei, eles trazem cartas para ele... Quando só tínhamos dois dias de mar, deu-nos caça um pirata bem equipado para a guerra. Vendo que éramos lentos de mais no velejar, enchemo-nos de coragem forçada e, quando lhes deitamos o arpão, eu abordei-os. No mesmo instante conseguiram soltar-se do nosso navio: de maneira que só eu fiquei prisioneiro. Trataram-me como bons ladrões, mas sabiam o que faziam. Tenho de lhes dar boas tornas. Consegue que o rei receba as minhas cartas; e vem ter comigo depressa, como se estivesses a fugir da morte. Direi ao teu ouvido coisas que te hão-de emudecer. Mas as palavras serão leves, comparadas com o peso dos factos. Esses bons rapazes hão-de trazer-te ao sítio onde estou. Rosencrantz e Guildenstern seguem o seu caminho para Inglaterra — e muito deles te contarei. Adeus.

Aquele que sabes ser o teu, HAMLET.»

Vinde, vou encaminhar as vossas cartas,
E andai depressa, pois tereis de me guiar
Até àquele que as enviou.

(*Saem.*)